O Dr. Google

A Internet é uma realidade estabelecida no nosso cotidiano, seja em simples transações bancárias ou como uma ferramenta que, em muitas vezes, facilita e simplifica a vida de todos, possibilitando comunicações ágeis que resolvem situações em segundos.

Podemos nos sentir mais (o que seria melhor) ou menos confortáveis no ambiente digital. Podemos gostar ou não, utilizar mais ou menos. Não importa. Não muda o fato que, cada vez mais, seremos dependentes da Internet para muitos processos das nossas vidas.

O Brasil é um dos países do mundo onde mais se utiliza a Internet; o Facebook já coloca o nosso país como um dos mais conectados no seu aplicativo. Quem tem filhos em idade escolar, sejam eles crianças ou adolescentes, pode perceber com muita facilidade a grande desenvoltura com que estes jovens navegam livremente, muitas vezes criando o seu próprio ambiente de comunicações através dos vários aplicativos existentes como WhatsApp e outros; sem falar nos jogos digitais, os quais muitas crianças e adolescentes dominam com maestria.

Na esteira deste fantástico desenvolvimento e ampliação da rede mundial de computadores, vem o acesso maciço a toda espécie de informações. Com um clique e, de fato, em frações de segundo, temos acesso a qualquer tipo de assunto, resposta, esclarecimento e imagem que quisermos. Recentemente, foi publicada uma pesquisa que demonstra que mais de 99% de todo o conhecimento acumulado em milhares de anos pela humanidade está em ferramentas de busca, das quais o Google é a mais popular.

Quais são os sintomas de uma Apendicite Aguda? Qual é o tratamento de uma Pneumonia Bacteriana? Como eu trato o Diabetes? Está tudo lá. Clique e obtenha a resposta fácil, rápida e ao alcance de todos. Bem, pelo menos, é o que muitos pensam.

Quem de nós, médicos, nos nossos consultórios ou plantões não passou por uma situação na qual o paciente chegou "informado" a respeito do seu quadro e principalmente do melhor tratamento disponível neste momento para resolver a situação? Quantas vezes por dia ouvimos aquela famosa frase "sabe como é, doutor, a gente procura saber na Internet o que a gente tem"?

Não há muito que fazer sobre esta realidade; ela não demonstra nenhuma tendência de diminuição, muito antes pelo contrário, só vai aumentar com o passar do tempo. O aumento do acesso à Internet é um fato, na verdade, muito salutar, possibilitando que cada vez mais pessoas facilitem muito as suas vidas e obtenham mais e mais conhecimento. No Brasil, já temos mais de 90 milhões de telefones celulares, muitos deles smartphones, que possibilitam em muito pouco tempo acessar qualquer informação que se queira. É uma tendência estabelecida, e a sociedade moderna está cada vez mais se adaptando a esta grande velocidade e fluxo de informações.

Qual é o nosso papel frente a esta nova realidade?

Temos que refletir muito e admitir que o nosso conhecimento, obtido através de anos e anos de estudo, experiência clínica e cirúrgica, decorrente dos atendimentos de muitos pacientes pode, e provavelmente será, questionado com mais frequência do que no passado. Neste caso, podemos nos ver em uma encruzilhada de sentimentos. Podemos nos revoltar e dizer para o paciente que aquele conhecimento, adquirido num clique, não tem nenhum valor porque carece de juízo, análise crítica e não provém de uma fonte cientificamente confiável. Ou podemos entender que o nosso papel é transmitir através de um atendimento cuidadoso e atento que, embora seja absolutamente normal o acesso à informação por parte do paciente, resultante do desejo de conhecer e entender melhor a sua doença, é necessário que haja uma individualização deste conhecimento ao caso específico do paciente. É importante contextualizar o cenário clínico que o paciente apresenta e a melhor forma de condução do seu caso. A informação disponível pode ser válida, mas deve ser aplicada àquela situação específica. Cada vez mais os tratamentos devem ser individualizados à realidade própria do paciente. Existem, sim, regras gerais que têm o valor de ser diretrizes que norteiam os tratamentos, mas especificamente o que deve ser feito depende de uma análise cuidadosa.

Na verdade, trata-se de esclarecer que apenas no contato entre o médico e o paciente, fundamentado em fatores pilares da Medicina, a relação médico-paciente e uma adequada anamnese, é que podemos determinar o que é mais adequado e seguro.

Não vejo, nem a curto, médio ou longo prazo, nada que substitua uma relação cuidadosa baseada em confiança e dedicação do médico para com o seu paciente. A tecnologia vai continuar evoluindo. A nós, cabe entender estes novos tempos e trabalhar da melhor forma, colocando a facilidade de acesso à informação a nosso favor e, principalmente, a favor do nosso paciente que deve ser, sempre, o principal beneficiado.

DR. ANTONIO CARLOS WESTON
Editor Executivo da Revista da AMRIGS